

O TRABALHO INTERSETORIAL COMO POTÊNCIA DE INCLUSÃO EM MUNICÍPIO DO INTERIOR DO RJ

Thacio Azevedo Ladeira – *Universidade Federal Fluminense* – thacioladeira@gmail.com

Danuse Nunes Ronzei – *Centro Universitário Redentor* – danuseronzei@gmail.com

Gleice Vaz Feijó – *Universidade Federal Fluminense* – gleicefeijo@gmail.com

Luciana Pinto Magalhães Esteves – *Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora* - servicosocialeducacao@yahoo.com.br

Charles Oliveira Magalhães – *Universidade Federal Fluminense* – charles.magalhaes@hotmail.com

Introdução:

O presente trabalho apresenta uma ação do município de Miracema/RJ em favor de práticas inclusivas, com a criação do NAE – Núcleo de Atendimento Especializado, que tem promovido inclusão escolar no município por meio de redes de apoio (RODRIGUES et al, 2011). O NAE entrelaça diálogos com diversos setores em um mesmo núcleo, com sede própria para atendimentos, tornando o cuidado compartilhado, fortalecendo a rede de apoio, a medida que estreita a comunicação e constrói coletivamente os trabalhos realizados. O NAE é composto pela atuação de profissionais, tais como: pedagogo, psicólogos, assistente social, fonoaudiólogos, terapeuta, psicopedagogo e professoras de sala de recurso multifuncional.

Reconhecendo que a necessidade de incluir alunos no ensino regular é uma prerrogativa que tem se desenvolvido a partir da Declaração de Salamanca (BRASIL, 1994) e da LDB 9394/96, o NAE acolhe as demandas que surgem na escola, disponibilizando no núcleo auxílio adequado para alunos com diferentes necessidades por meio do cuidado compartilhado.

Nesse sentido, este trabalho, que representa um salto em políticas públicas e que tem impactado o cenário educacional do município de Miracema/RJ, tem como objetivo vincular relatos de uma rede intersetorial a respeito do fenômeno inclusivo no município por meio de práticas acolhedoras das subjetividades, através do estudo de caso compartilhado sobre os usuários do núcleo.

Metodologia:

Em busca de novas perspectivas teóricas que pudessem nos auxiliar neste processo, encontramos na noção de rizoma um meio pela qual a nossa rede intersetorial se estabeleça. Rizoma é um modelo descritivo ou epistemológico na teoria filosófica de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2004). O rizoma da botânica tanto pode funcionar como raiz, talo ou ramo, independente de sua localização na figura da planta, servindo para exemplificar um sistema epistemológico onde não há proposições ou afirmações mais fundamentais do que outras que se ramifiquem segundo dicotomias. Tais conjuntos definem territórios relativamente estáveis dentro do rizoma. A intersetorialidade das redes de apoio sustenta a ideia de que a constituição dessas fomenta articulação com outros territórios, como família, profissional de saúde, além do próprio núcleo intersetorial, que embora atuando por meio de atendimentos individuais, mantém um mesmo alinhamento.

(83) 3322.3222

contato@ceduce.com.br

www.ceduce.com.br

Dessa forma, as trocas que ocorrem durante os estudos de caso preserva a ética profissional daquilo que é sigiloso dos atendimentos, não deixando de potencializar as práticas pelo diálogo entrelaçado com setores diversos. Buscamos ainda, estar atentos à realidade das escolas e estreito diálogo com os professores, considerando o cotidiano escolar, pois, “são nos acontecimentos singulares que residem toda a riqueza do aprendizado a ser produzido” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 148).

Resultados e Discussões:

Salientamos que o trabalho acontece por meio de articulação em rede (RODRIGUES et al, 2011), e tem sido a “porta de entrada” de alunos que estariam excluídos da escola, mas o fomento à instalação da cultura de inclusão na escola caminha lado a lado. A dificuldade de interação e o estilo cognitivo diferenciado dos alunos vinculados ao núcleo tem sido trabalhado através de uma relação estabelecida, que busca o desenvolvimento da criança em vários aspectos, orientados pela perspectiva bioecológica de Bronfenbrenner (2011) e Suplino (2009). Acreditamos que o estilo cognitivo singular não é condição interceptadora da capacidade de aprender.

Conclusão:

O grande desafio é romper com visões pautadas no “diferencialismos” (SKLIAR, 2006) que trazem a tona a “patologização dos processos de escolarização” (ZUCOLOTO, 2007) e a “medicalização da vida” (MOYSÉS & COLLARES, 2013). A criação de um núcleo para trabalhar coletivamente a educação inclusiva visa a abertura de didáticas específicas que potencialize a socialização e autonomia dos alunos. Enquanto educadores, devemos romper com o que está instituído, desinstitucionalizando as práticas excludentes e instituídas. Podemos dessa forma fortalecer uma visão coletiva e não individualizada e homogênea daquilo que nos perpassa e nos constitui enquanto sujeitos. Assim, a ideia de uma escola inclusiva deve estar ancorada à ideia de escolas diversas e plurais, efeito de experiências bem-sucedidas, sempre particulares, que já foram construídas ou estão por construir permanentemente e historicamente, sendo contra aquilo que querem homogeneizar o que é diverso por condição.

Referências de pesquisa:

BRASIL, MINISTÉRIO DA AÇÃO SOCIAL. Coordenadoria Nacional Para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: MAS/CORDE, 1994.

BRONFENBRENNER, Urie. **Bioecologia do Desenvolvimento: tornando os seres humanos mais humanos**. Porto Alegre, Artmed, 2011.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol.I.** São Paulo, Ed. 34. 2004.

MOYSÉS, M ; COLLARES, C. Medicalização: o Obscurantismo Reinventado. **Novas capturas, antigos diagnósticos na era dos transtornos.** COLLARES, C. ; MOYSÉS, M.: RIBEIRO, M. 9orgs). 1º ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013.

PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L (orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Alegre: Sulina, 2015.

RODRIGUES, M. G. A.; GOLDENZWEIG, Roman; SANTOS, L. C. S.; LEMOS, M. R.. **Educação Inclusiva e Redes de Apoio: acolhimento às famílias na escola.** Anais do X Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional: caminhos trilhados, caminhos a percorrer, Maringá-PR, Universidade Estadual de Maringá, 2011.

SKLIAR, C. **A inclusão que é “nossa” e a diferença que é do “outro”.** In: RODRIGUES, D. (org.) **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva.** São Paulo: Summus, 2006.

SUPLINO, M. H. F. **O Currículo Funcional Natural: Guia prático para a educação na área de autismo e deficiência mental.** Brasília: CORDE-Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 2009.

ZUCOLOTO, P. **O médico higienista na escola: as origens históricas da medicalização do fracasso escolar.** Rev. Bras. Cresc. Des. Hum, 2007, p. 136-145.